

EXISTE RELAÇÃO ENTRE TRANSTORNO DE ANSIEDADE E TRABALHO ENTRE ESTUDANTES DE PSICOLOGIA?

IS THERE RELATIONSHIP BETWEEN ANXIETY DISORDER AND WORK AMONG UNDERGRADUATE STUDENTS OF PSYCHOLOGY?

Giuliana Ferreira Oliveira¹

Thais do Nascimento Pereira²

Danilo Lima Carreiro³

Wagner Luiz Mineiro Coutinho⁴

Laura Tatiany Mineiro Coutinho⁵

¹ Psicóloga graduada pela Associação Educativa do Brasil (SOEBRAS), Montes Claros, Minas Gerais.

² Psicóloga graduada pela Associação Educativa do Brasil (SOEBRAS), Montes Claros, Minas Gerais.

³ Mestre em Ciências da Saúde pela Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais (IFNMG), Pirapora, Minas Gerais.

⁴ Mestre em Ciências da Saúde pela Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). Professor da Associação Educativa do Brasil (SOEBRAS), Montes Claros, Minas Gerais.

⁵ Mestre em Ciências da Saúde pela Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). Professora da Associação Educativa do Brasil (SOEBRAS) e das Faculdades Santo Agostinho de Montes Claros (FASA), Montes Claros, Minas Gerais.

Resumo: Objetivou-se avaliar a associação entre Transtorno de Ansiedade (TA) e trabalho entre estudantes de Psicologia. Para a coleta de dados utilizou-se: Inventário de Ansiedade Traço-Estado (IDATE), Critério de Classificação Econômica Brasil e Questionário Variáveis Demográficas e Socioeconômicas. Avaliaram-se as associações através do Teste Qui-quadrado de *Pearson* ($p \leq 0,05$). Responderam ao IDATE 305 estudantes, registrando-se entre estudantes-trabalhadores prevalências de Ansiedade-Estado (AE) e de Ansiedade-Traço (AT) de 87,7%. Entre os não trabalhadores, as respectivas prevalências foram de: 92,8% e 89,9%. Não se registraram associações entre AE e AT com trabalho ($p = 0,147$ e $0,562$).

Palavras-chave: Transtornos de Ansiedade; Estudantes; Psicologia; Saúde Pública; Saúde do Trabalhador.

Abstract: This study aimed to evaluate the association between Anxiety Disorder (AD) and work among psychology undergraduate students. For data collection was used: Trait Anxiety Inventory-State (IDATE), Economic Classification Criteria Brazil and Questionnaire Demographic and Socioeconomic Variables. It was evaluated the associations through the Pearson's Chi-square test ($p \leq 0.05$). Responded to IDATE 305 students and it was registered between student workers prevalence of State Anxiety (SA) and Trait Anxiety (TA) of 87,7%. Among not-workers the prevalence were 92,8% (SA) and 89,9% (TA). Not registered associations between SA and TA with work ($p = 0,147$ and $0,562$).

Keywords: Anxiety Disorders; Students; Psychology; Public health; Worker's health.

Resumen: Este estudio tuvo como objetivo evaluar la asociación entre el trastorno de ansiedad (TA) y el trabajo entre los estudiantes de psicología. Para la recolección de datos se utilizó: Inventario de Ansiedad Rasgo-Estado (STAI), Criterios de Clasificación Económica Cuestionario Brasil y Cuestionário Variables Demográficas y Socioeconómicas. Se evaluaron las asociaciones a través de la prueba de Qui-cuadrado de *Pearson* ($p \leq 0.05$). Contastaron al IDATE 305 estudiantes, dentre los alumnos-trabajadores hubo una prevalencia de Ansiedad-Estado (AE) y de Ansiedad-Rasgo (AT) de 87,7%. Entre los no trabajadores las respectivas prevalencias fueron: 92,8% y 89,9%. No la asociación entre EA y AT con el trabajo ($p = 0,147$ y $0,562$).

Palabras clave: Trastornos de Ansiedad; Estudiantes; Psicología; Salud Pública; Salud Ocupacional.

1 Introdução

A ansiedade é um estado de humor orientado para o futuro, o qual se caracteriza por apreensão, diante a impossibilidade de se prever ou controlar os eventos que podem surgir (BARLOW, DURAND, 2010). Algumas reações desagradáveis podem ocorrer em uma pessoa ansiosa, como mãos pegajosas, semblante cansado, ações sem direção, aspecto tenso, distúrbios estomacais e dores de cabeça (CARMO, SIMIONATO, 2012). A ansiedade também tende a derivar da reativação da imaginação de uma situação passada, e pode ser procedência de como a pessoa percebe o quanto de risco há em seu comportamento, podendo ser compreendida pelo patrimônio social, ou seja, comportamentos de insegurança que foram aprendidos, e pelo contexto que o indivíduo está inserido. Sendo assim, a ansiedade deriva de como a informação é selecionada, processada, priorizada e distorcida pelo sujeito (MOTA, 2012).

A imaginação do problema real e as pressões do cotidiano se caracterizam como fatores de risco para o desenvolvimento da ansiedade. Nessa perspectiva, toda pessoa sofre de ansiedade, pois é um ser social. A ansiedade é um estado do organismo relacionado ao instinto e é fundamental para a autopreservação, pois antecede situações de perigo ou ameaça de forma que possa diminuir as consequências e prevenir possíveis perdas. No entanto, a ansiedade também tem o lado negativo, pois em excesso e de longa duração pode atrapalhar a capacidade de adaptação, bem como interferir na aprendizagem e no desempenho em geral (OLIVEIRA, DUARTE, 2004; CLAUDINO, CORDEIRO, 2006; MOTA, 2012). Além disso, a ansiedade ao se tornar disfuncional, impede a pessoa de agir de forma funcional e passa a ter características e sintomas psiquiátricos, como ataques de pânico e transtornos derivados de formas persistentes e difusas da ansiedade (PEREIRA, LOURENÇO, 2012).

As respostas de ansiedade dependem do processamento de informações ameaçadoras que interagem por meio de um equilíbrio de neurotransmissores (serotonina e dopamina). Em algumas situações esse equilíbrio pode ser afetado, o que leva à resposta ansiosa inadequada que afetam o dia a dia da pessoa. Nesse caso, por causar prejuízo aos indivíduos, caracteriza-se como Transtorno de Ansiedade (TA). Os TA mais comuns são: Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG), fobia social, fobias específicas, transtorno de pânico, Transtorno Obsessivo-Compulsivo (TOC) e transtorno de estresse pós-traumático, os quais causam preocupação excessiva e persistente acompanhados de sensações corporais incômodas (ESTANISLAU e BRESSAN, 2014). O TA pode ser

descrito como 'estado de ansiedade' (condição momentânea, assinalada por inquietação e nervosismo) e 'traço de ansiedade' (maneira de funcionamento da personalidade da pessoa diante de todas as situações nas quais esta se sinta ameaçada) (GAMA et al., 2008; SANTOS, GALDEANO, 2009).

O ensino superior marca a entrada ao mundo do trabalho e a autonomia do jovem estudante. Esta transição tem um lugar importante no desenvolvimento do estudante e gera dificuldades e preocupações (GONÇALVES, FREITAS e SEQUEIRA, 2011). Nesta etapa da vida os estudantes estão expostos a diversos fatores que favorecem o desenvolvimento do TA, dentre os quais: medo em relação ao futuro — pois estão sob pressão tanto pessoal quanto familiar —, problemas financeiros, relacionamento com pares, rotina doméstica, desorganização nos horários, comprometimento do sono, atividades acadêmicas e carga horária exaustiva nos estudos. Além disso, o estudante vivencia um momento de crise na transição da adolescência para a vida adulta, pois agora exerce um novo papel na sociedade (MARCHI et al., 2013).

Embora a classe estudantil não seja considerada como trabalhadora, as atividades desenvolvidas no ambiente acadêmico podem ser apresentadas como pré-profissionais por se inserirem numa estrutura organizacional com obrigatoriedade de desenvolver atividades específicas, como estudar e frequentar aulas práticas, estágios e exercícios avaliativos, e também pelo ambiente acadêmico competitivo, gerador de conflitos e de estresse (BALOGUN et al., 1995; SCHAUFELI, TARIS, 2005; CARLOTTO, CÂMARA, 2006; CAMPOS, MAROCO, 2012; TOMASCHEWSKI-BARLEM et al., 2012).

Na contemporaneidade, um novo perfil de estudante é claramente encontrado no espaço acadêmico: o estudante trabalhador ou o trabalhador que estuda. O primeiro se configura como aquele que necessariamente não provê o próprio sustento e/ou da sua família e busca no trabalho uma melhor oportunidade de acesso aos bens e produtos. O segundo por sua vez, arrimo de família, trabalha para garantir o sustento familiar e no final do dia prolonga a jornada laboral com as atividades acadêmicas, o que acaba por configurar como uma dupla jornada. Consequentemente, muda o perfil estudantil e nas salas de aula passa a ser comum a presença de estudantes que chegam após o início das aulas e/ou retiram-se antes do término da mesma; têm grandes dificuldades de manter o foco e a concentração durante as atividades desenvolvidas, haja vista que constantemente se mostram cansados e distraídos; com muita dificuldade conseguem cumprir com os compromissos acadêmicos e não se desempenham tão bem nas atividades avaliativas (COUTINHO, CARREIRO, COUTINHO, 2016).

Apesar dessa perceptível condição, ainda são incipientes os pesquisadores que se ativeram à melhor compreender o perfil deste “novo estudante” principalmente no que tange a possível relação entre trabalho e bem estar físico, mental e social desse estudante (Coutinho, Carreiro, Coutinho, 2016). Pesquisa prévia entre estudantes de graduação em fisioterapia não identificou relações estatisticamente significante entre trabalho e Ansiedade-Estado ($p=0,98$) bem como entre trabalho e Ansiedade-Traço ($p=0,11$) (COUTINHO et al., 2015a).

Ao considerar que ainda são poucas as pesquisas que procuraram identificar o possível impacto do trabalho no bem estar do estudante do ensino superior, inclusive no que se refere ao desenvolvimento de TA, o presente estudo teve por objetivo avaliar a prevalência de TA entre estudantes de graduação em psicologia e identificar se ela se mostra associada ao trabalho. A partir dos resultados a serem levantados, e considerando o contexto acadêmico como pré-profissionalizante, bem como e demarcado por uma estrutura organizacional, espera-se que os gestores das instituições de ensino superior (IES) implementem e/ou aprimorem o suporte organizacional, principalmente ao considerar o estudante trabalhador, uma vez que esse tal suporte se mostra relacionado ao bem estar, inclusive mental, e quando considerado pode favorecer a prevenção de transtornos como ansiedade, depressão e ainda estresse e Síndrome de *Burnout* (BERTONCELLO, BORGES-ANDRADE, 2015).

2 Metodologia

Trata-se de um estudo transversal, o qual faz parte de um projeto de pesquisa maior previamente aprovado quanto à sua realização pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) (parecer consubstanciado 738.580). Dessa forma e considerando a metodologia previamente aprovada pela CONEP, o desenho metodológico aqui proposto será replicado na íntegra em outros projetos de pesquisas e produtos, sendo que no presente artigo o mesmo foi adaptado de forma a avaliar a possível relação entre TA e trabalho.

A população foi constituída por estudantes matriculados nos turnos integral e noturno do curso de graduação em psicologia de duas IES no município de Montes Claros (Minas Gerais), o qual se configura como importante polo do ensino superior regional. Delineou-se a amostra de modo a favorecer a representatividade populacional considerando-se margem de erro de 5%, intervalo de confiança de 95%, prevalência de TA de 50% e taxa de não resposta de 5%. Dessa forma e ao considerar o

montante de 1.160 estudantes, devidamente matriculados no primeiro semestre de 2015, o cálculo amostral identificou a necessidade da participação de 304 estudantes. Para seleção amostral utilizou-se a técnica probabilística estratificada proporcional por instituições, turnos e períodos, possibilitando assim a todos os estudantes comporem a amostra final. Como critério de inclusão, participaram da pesquisa estudantes regularmente matriculados no referido curso e que fossem maiores de idade.

Para a realização do estudo utilizou-se formulário constituído pelos seguintes questionários: Inventário de Ansiedade Traço-Estado (IDATE), Critério de Classificação Econômica Brasil (CCEB) e Questionário Condições Demográficas, Socioeconômicas, Hábitos de Vida/Atitudes, Saúde e Discentes.

O IDATE trata-se de um questionário estruturado, autoaplicável e validado para uso no Brasil (Biaggio, Natalício, Spielberger, 1977) cujo objetivo é avaliar aspectos específicos de ansiedade presentes em várias situações. Estudos nacionais em diferentes pacientes e populações de estudantes identificaram alto coeficiente alfa de Cronbach (ANDRADE, 2001). Constituído por duas partes: "Estado" e "Traço", cada uma com 20 itens e com escore total variando entre 20 e 80 pontos, sendo que pontuações mais altas indicam maiores níveis de ansiedade (SANTOS et al., 2012). Entre estudantes do ensino superior indicam-se como ponto de corte para o IDATE-Estado: média de 35,35 (\pm 9,57) em situação neutra – período de aula comum – e média de 45,71 (\pm 15,32) sob condição de tensão – antes de fazer um exame considerado difícil. Para o IDATE-Traço os pontos de corte são: média de 37,35 (\pm 11,35) em situação neutra e média de 37,53 (\pm 8,13) sob condição de tensão (BIAGGIO, NATALÍCIO e SPIELBERGER, 1977), tendo sido considerada nesse estudo, a coleta de dados em período em situação neutra. Para proceder a análise estatística, os resultados do IDATE-Estado foram categorizados em: "sem indícios de ansiedade" (escores < 35,35) e "com indícios de ansiedade" (escores \geq 35,35). Já os resultados do IDATE-Traço foram categorizados em: "sem indícios de ansiedade" (escores < 37,35) e "com indícios de ansiedade" (escores \geq 37,35).

O CCEB trata-se de um questionário estruturado, autoaplicado e desenvolvido pela Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP), cujo objetivo é estimar o poder de compra dos sujeitos e famílias urbanas. A soma dos pontos obtidos categoriza os pontos de corte nas seguintes classes econômicas: "A1" (46-42 pontos), "A2" (41-35), "B1" (34-29), "B2" (28-23), "C1" (22-18), "C2" (17-14), "D" (13-8) e "E" (7-0), onde a classe "E" refere-se aos sujeitos com condições econômicas menos favoráveis (ABEP, 2014). Para proceder à análise estatística, os resultados

do CCEB foram categorizados em: “alta segmentação econômica” (segmentações A, B1 e B2) e “baixa segmentação econômica” (escores C1, C2, D/E) (SOUZA et al., 2015).

O Questionário Condições Demográficas e Socioeconômicas trata-se de um questionário estruturado, autoaplicado e elaborado pelos autores do estudo com o intuito de caracterizar os sujeitos quanto às variáveis demográficas, socioeconômicas, hábitos de vida/attitudes, saúde e discentes.

A obtenção dos dados deu-se a partir da seleção amostral. Para tal, pesquisadores envolvidos no estudo, previamente treinados, distribuíram ordenadamente listas independentes contendo os nomes dos estudantes organizados em ordem alfabética considerando a instituição, o turno e o período nos quais se encontravam matriculados, sendo então sorteado número proporcional de elementos por instituições, turnos e períodos. A partir daí, realizou-se busca ativa de cada estudante em suas respectivas salas de aula. Como parte do procedimento os pesquisadores apresentaram em cada sala de aula para os discentes e docentes presentes, os objetivos, a metodologia e os procedimentos do estudo, sendo exposto também aos estudantes que a seleção amostral se deu de forma probabilística por sorteio, ou seja, todos os elementos da população tiveram probabilidade conhecida, e diferente de zero, de pertencer à amostra.

Tendo sido identificado o sujeito, esse foi convidado a dirigir-se a uma sala designada para a coleta de dados, para que fosse assegurada a privacidade em responder ao formulário. Individualmente, os pesquisadores apresentaram novamente os objetivos, a justificativa e a metodologia proposta para o estudo. Após o esclarecimento de quaisquer dúvidas solicitou-se aos sujeitos que aceitaram participar da pesquisa, a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido para participar do estudo. Por conseguinte, entregou-se o formulário de coleta de dados para que fosse respondido. Durante a coleta de dados, considerando possíveis impasses como o insucesso em encontrar o sujeito em sala de aula após três tentativas, ou o não consentimento do mesmo em participar da pesquisa, possibilitou o orientador do estudo sortear dentre os acadêmicos da mesma turma, um novo participante.

Os dados foram tabulados no *Microsoft Office Excel 2010*[®] e em seguida exportados para análise estatística no *software Statistical Package for the Social Sciences -17*[®]. Os resultados são apresentados de forma descritiva através de frequências absolutas e relativas, medidas de dispersão e medidas de tendência central com o intuito de caracterizar os estudantes quanto às variáveis envolvidas no estudo. Para a comparação

das médias obtidas entre os grupos de estudantes-trabalhadores com estudantes não trabalhadores utilizou-se análise bivariada por meio do teste Qui-Quadrado de *Pearson* considerando como associação estatisticamente significativa resultados com valor de $p \leq 0,05$.

3 Resultados e Discussão

Participaram do estudo 347 estudantes, dos quais 305 responderam ao IDATE. A partir da análise de dados com significativa representatividade populacional, identificou-se:

- média de idade de 24 anos (± 6 ; IC_{95%}: 23-24; H: 18-52);
- predomínios de estudantes do sexo feminino (86,6%; n = 253);
- aqueles que autorreferiram raça/cor da pele categorizada como preta/parda/indígena (76,9%; n = 216);
- estudantes com estado civil categorizado como solteiro/divorciado (82,9%; n = 242);
- aqueles com segmentação econômica categorizada como baixa (57,1%; n = 156) e
- estudantes trabalhadores (56,0%; n = 164).

As características demográficas e socioeconômicas dos estudantes que participaram do estudo se assemelham às encontradas em pesquisas prévias também realizadas entre estudantes do ensino superior no município de Montes Claros (MG) (CARREIRO et al., 2010; BORÉM et al., 2011; PORTO et al., 2012; VIANA et al., 2014). Outras pesquisas nacionais realizadas anteriormente também condizem com tais resultados (GAMA et al., 2008; MARCHI et al., 2013).

Segundo o Ministério da Educação (Brasil, 2004), estudo realizado para caracterizar o perfil socioeconômico dos estudantes de graduação das instituições federais de ensino superior, constatou que 65,0% pertencem às classes econômicas B2, C, D e E. Quanto à raça/cor da pele, a maioria dos estudantes se autodeclarou como branca, no entanto houve número significativo (43,0%) de autodeclarados como preto/pardo. Contatou-se que as mulheres são a maioria entre estudantes de todas as regiões nacionais, e quanto à faixa etária registrou-se média de idade de 23 anos, sendo que 77,6% dos estudantes têm até 25 anos de idade. Dos estudantes avaliados, observou-se que 88,6% são solteiros e 56,0% não trabalham e dependem da família para o sustento.

O número maior de estudantes do sexo feminino pode ter interferência referente ao curso da população estudada, pois Ferretti (1976) e Lewin (1980), através da divisão de profissões entre masculinas, femininas e neutras/mistas classificam a Psicologia como uma profissão

considerada feminina. Quanto ao predomínio de estudantes solteiros/divorciados, Tombolato (2005) esclarece que o estado civil costuma estar associado à idade, o que pode impactar neste resultado; neste sentido, merece ressaltar a média de idade identificada no presente estudo, que correspondeu à 24 anos.

Possível explicação para maior frequência de estudantes de baixa renda e raça parda/preta/indígena possa se relacionar às políticas públicas educacionais, que facilitaram o acesso desta população ao ensino superior. Para Moura (2014), as políticas públicas educacionais possibilitaram maior acesso ao ensino superior devido aos programas que se destacam, Programa Universidade para Todo (PROUNI) e o Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (FIES). Tais programas oferecem oportunidade às pessoas de baixa renda a terem acesso às instituições de ensino superior. A partir de 2010 o FIES passou a ter novas regras, dentre elas a possibilidade de financiar 100% o valor do curso, com isso, o número de inscritos aumentou consideravelmente. Percebe-se também que, desde a implantação do PROUNI, o número de bolsas ofertadas aumentou consideravelmente de 112.275 para 284.622. Nota-se que, através das políticas públicas, aumentaram expressivamente o número de estudantes beneficiados tanto pelo FIES quanto pelo PROUNI. Diante disso, sugere-se que o número maior de estudantes de baixa renda deve-se ao fato de que a população estudada em sua maioria ser de baixa renda, pois os programas educacionais são voltados para esse público. Além disso, o PROUNI também reserva bolsas às pessoas com deficiência e aos autodeclarados pretos, pardos e índios.

De modo geral, registraram-se prevalências de TA Estado entre 90,2% dos estudantes (n = 275) e de TA Traço entre 88,9% (n = 271). Valores estes expressivos, principalmente ao se considerar que durante o período do ensino superior, a prevalência estimada para desenvolvimento de transtornos psíquicos, principalmente de ansiedade é de 15,0 a 25,0% (Sakae, Padão e Jornada, 2010). Todavia, pesquisa prévia entre estudantes do ensino superior também registrou expressivas prevalências de AE (classificada como "média/alta") e de AT (classificada como "média/alta") entre estudantes de graduação em Psicologia (73,3%; 82,2%). Entre estudantes de demais cursos, também se identificaram importantes prevalências: Fisioterapia (80,0%; 85,0%), Enfermagem (63,1%; 73,8%), Farmácia (71,4%; 80,0%) e Odontologia (68,6%; 77,1%) (Bezerra et al., 2012). Pesquisa antecedente entre estudantes portugueses também identificou expressivos níveis de ansiedade ou depressão entre alunos de Fisioterapia (64,4%), Enfermagem (28,4%) e Farmácia (5,4%) (MINGHELLI, KISELOVA e PEREIRA, 2011).

Outra constatação importante foi a maior prevalência de AE, o que sugere que os estudantes não são ansiosos, mas se encontravam ansiosos no momento da coleta de dados, ou seja, os participantes se mostraram mais propensos a desenvolver TA por influência das condições ambientais. Em estudo realizado com estudantes de Psicologia observou-se que 73,3% apresentaram altos indícios de AE e 82,2% apresentaram altos indícios de AT (BEZERRA et al, 2012).

Na Tabela 1 é apresentado o resultado da análise bivariada entre TA Estado e TA Traço com trabalho.

Tabela 1: Análise bivariada entre TA Estado e TA Traço e trabalho entre estudantes de graduação em psicologia, Montes Claros – MG, 2015 (n=305)

TA Estado			
Estudante	Sem indícios %	Com indícios %	P
Não trabalhador	7,2	92,8	—
Trabalhador	12,3	87,7	0,147*
TA Traço			
Estudante	Sem indícios %	Com indícios %	P
Não trabalhador	10,1	89,9	—
Trabalhador	12,3	87,7	0,562*

* Não houve associação estatisticamente significativa.

Ao contrário do que se esperava, na análise bivariada registraram-se entre estudantes-trabalhadores prevalências inferiores de indícios de TA Estado (87,7%), bem como de TA Traço (87,7%) quando comparados

OLIVEIRA, G. F.; PEREIRA, T. N.; CARREIRO, D. L.; COUTINHO, W. L. M.; COUTINHO, L. T. M. *Existe relação entre transtorno de ansiedade e trabalho entre estudantes de psicologia?* R. Laborativa, v. 6, n. 1 (especial), p. 27-42, abr./2017. <http://ojs.unesp.br/index.php/rlaborativa>

aos estudantes não trabalhadores (92,8% e 89,9%, respectivamente). Diferenças estas que não foram estatisticamente significantes, com respectivos valores de p : 0,147 e 0,562. Resultado este que converge ao de pesquisa anterior entre estudantes de graduação em Fisioterapia, na qual também não se identificou relações estatisticamente significantes entre trabalho e Ansiedade-Estado ($p = 0,98$) bem como entre trabalho e Ansiedade-Traço ($p = 0,11$) (COUTINHO et al., 2015a). Outra pesquisa antecedente estudantes do ensino superior de Aracaju (SE) encontrou índices significativamente menores de ansiedade entre os estudantes pertencentes aos seguintes grupos: faixa etária de 31 a 45 anos, solteiros, homens e indivíduos com ocupação profissional (GAMA et al., 2008).

Outras pesquisas anteriores envolvendo estudantes do ensino superior e que tiveram por objetivo avaliar o impacto do trabalho nas condições físicas, mentais e sociais do estudante do ensino superior, identificaram entre estudantes de graduação em Enfermagem relações entre trabalho e: sonolência diurna excessiva (Coutinho et al., 2016a); Síndrome de *Burnout* (Coutinho et al., 2016b) e domínio físico da percepção do nível de qualidade de vida (Coutinho et al., 2016c). Já entre estudantes de graduação em Fisioterapia, se identificou relação entre trabalho e a dimensão exaustão emocional da Síndrome de *Burnout* (SAMPAIO et al., 2015). Divergente de tais resultados, pesquisa prévia entre estudantes de graduação em Administração não identificou relação entre trabalho, sintomas psicopatológicos e percepção do nível de qualidade de vida (Tombolato, 2005), e entre estudantes de graduação em Educação Física também não se registrou relação entre trabalho e percepção do nível de qualidade de vida (COUTINHO et al., 2015b).

O fato de o trabalho tanto poder impactar na promoção da saúde quanto no desenvolvimento de doenças, pode ser uma possível explicação para a divergência de resultados ora constatada (DEJOURS, 1992; MARQUES et al., 2006). Nesta perspectiva, o que determinará tal papel serão as diversas variáveis envolvidas no processo saúde-doença e assim, quando o trabalho corresponde às expectativas do sujeito, favorece o desenvolvimento do bem-estar físico, mental e social, e, em contra partida, favorece o desenvolvimento de doenças (GILBERT e CURY, 2009). O trabalho tem distintos sentidos ao agregar valor a alguma coisa, assim, a depender do modo como as pessoas trabalham e o que elas produzem, influencia na maneira de como percebem sua independência e liberdade. Além disso, o trabalho é um dos meios da pessoa ir além dos seus interesses individuais e dedicar-se à causas importantes e significativas. Também é uma atividade na qual há relação com outras pessoas, o que contribui para a construção da identidade do sujeito. Por fim, o trabalho associa-se ao emprego que permite a pessoa ter um salário que possibilita além das necessidades básicas, oferecer um sentimento de autonomia e

liberdade e, além disso, organiza a rotina do sujeito (MORIM, TONELLI e PLIOPAS, 2007).

Dentre os limites desse estudo, não contribuiu para melhor discussão dos resultados o limite da literatura especializada no assunto, o que por sua vez sugere a realização de novos estudos, com outros desenhos metodológicos, na tentativa de melhor fundamentar a questão em estudo. Como aspectos positivos ressaltam-se o ineditismo da pesquisa ao avaliar possível associação entre TA com trabalho entre estudantes de graduação em psicologia, o uso de instrumentos validados para língua e cultura brasileira e o treinamento dos pesquisadores previamente à coleta de dados com o intuito de minimizar possíveis vieses, o que proporciona ao estudo melhor rigorosidade metodológica.

4 Conclusão

Os resultados permitiram identificar que a condição trabalho não se mostra como discriminadora entre estudante-trabalhador e não trabalhador no que tange ao desenvolvimento do TA. Entretanto, as prevalências registradas, independente do estudante trabalhar ou não, são expressivas e merecedoras de atenção, uma vez que a maioria absoluta dos estudantes apresentaram expressivos indícios de desenvolvimento de AE e AT.

A partir de tais resultados, sugere-se aos gestores de IES a implementação e/ou adequação de medidas favoráveis à prevenção do TA entre os estudantes, de modo a minimizar a exposição aos fatores de risco que podem influenciar no desfecho deste transtorno. Quanto aos estudantes que já desenvolveram tal transtorno, é importante que as instituições os rastreiem o quanto antes, de modo a subsidiá-los com programas de apoio psicoterápico e pedagógico, no sentido de propiciar o desenvolvimento de habilidades favoráveis ao enfrentamento dos sintomas bem como dos fatores que predisõem o agravamento do TA.

Referências

ABEP. Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa. **Critério de Classificação Econômica Brasil**. São Paulo, 2014.

ANDRADE, L. Propriedades psicométricas da versão em Português do Estado-Trait Anxiety Inventory aplicado a estudantes universitários: análise fatorial e relação com o Beck Depression Inventory. **Brazilian Journal of Medical and Biological Research**, v. 34, n. 3, p. 367-374, 2001.

OLIVEIRA, G. F.; PEREIRA, T. N.; CARREIRO, D. L.; COUTINHO, W. L. M.; COUTINHO, L. T. M. *Existe relação entre transtorno de ansiedade e trabalho entre estudantes de psicologia?* R. Laborativa, v. 6, n. 1 (especial), p. 27-42, abr./2017. <http://ojs.unesp.br/index.php/rlaborativa>

BALOGUN, J.; HELGEMOE, S.; PELLEGRINI, E.; HOEBERLEIN, T. Test-retest reability of a psychometric instrument designed to measure physical therapy student's Burnout. **Perceptual and Motor Skill**, v. 81, p. 667-672, 1995.

BARLOW, D. H.; DURAND, V. M. **Psicopatologia: uma abordagem integrada**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

BERTONCELLO, B.; BORGES-ANDRADE, J. E. Relações entre Suporte Organizacional e Saúde Mental do Trabalhador. **Revista Laborativa**, v. 4, n. 2, p. 85-102, 2015.

BEZERRA, B. P. N.; RIBEIRO, A. I. A. M.; FARIAS, A. B. L.; FARIAS, A. B. L.; FONTES, L. B. C. et al. Prevalência da disfunção temporomandibular e de diferentes níveis de ansiedade em estudantes universitários. **Revista Dor**, v. 13, n. 3, p. 235-242, 2012.

BIAGGIO, A. M. B.; NATALÍCIO, L.; SPIELBERGER, C. D. Desenvolvimento da forma experimental em português do Inventário de Ansiedade Traço-Estado (IDATE) de Spielberger. **Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada**, v. 29, n. 3, p. 31-44, 1977.

BORÉM, C. A. M.; BRAGA, A. C. D.; COUTINHO, L. T. M.; COUTINHO, W. L. M.; CARREIRO, D. L. Correlação entre tendência empreendedora e segmentação econômica em acadêmicos de Enfermagem. **Revista Mineira de Educação Física**, Edição especial, n. 6, 185-195, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). **II perfil socioeconômico e cultura dos estudantes de Graduação das Instituições Federais do Ensino Superior**. Brasília: FONAPRACE, 2004.

CAMPOS, J. A. D. B.; MAROCO, J. Adaptação transcultural Portugal-Brasil do Inventário de Burnout de Maslach para estudantes. **Revista de Saúde Pública**, v. 46, n. 5, p. 816-824, 2012.

CARMO, J. S.; SIMIONATO, A. M. Reversão de ansiedade à matemática: alguns dados da literatura. **Psicologia em Estudo**, v. 17, n. 2, p. 317-327, 2012.

CARLOTTO, M. S.; CÂMARA, S. G. Características psicométricas do Maslach Burnout Inventory – Student Survey (MBI-SS) em estudantes universitários brasileiros. **Revista de Psicologia da USF**, v. 11, n. 2, p. 167-174, 2006.

CARREIRO, D. L.; COUTINHO, L. T. M.; MELO JÚNIOR, R. F. C. M.; COUTINHO, W. L. M. Comparação da tendência empreendedora entre acadêmicos de Educação Física e Fisioterapia. **Lecturas, Educación Física y Deportes**, v. 15, n. 148, 2010.

CLAUDINO, J.; CORDEIRO, R. Níveis de ansiedade e depressão nos alunos do curso de licenciatura em enfermagem: o caso particular dos alunos da Escola Superior de Saúde de Portalegre. **In Millenium**, n. 32, p. 197-210, 2006.

COUTINHO, W. L. M.; BATISTA, G. O.; SILVA, T. D.; CARREIRO, D. L.; COUTINHO, L. T. M. et al. **Relação entre qualidade de vida e trabalho entre estudantes de educação física**. 2015b. Disponível em: <<http://www.jonafes.com.br/anais>>. Acesso em: 06 maio 2016.

COUTINHO, W. L. M.; CARREIRO, D. L.; COUTINHO, L. T. M. **Saúde do Trabalhador: o impacto da dupla jornada trabalho-estudo no bem estar físico, mental e social do**

OLIVEIRA, G. F.; PEREIRA, T. N.; CARREIRO, D. L.; COUTINHO, W. L. M.; COUTINHO, L. T. M. *Existe relação entre transtorno de ansiedade e trabalho entre estudantes de psicologia?* R. Laborativa, v. 6, n. 1 (especial), p. 27-42, abr./2017. <http://ojs.unesp.br/index.php/rlaborativa>

estudante de graduação em enfermagem. Montes Claros (MG): Editora Caminhos Iluminados, 2016.

COUTINHO, W. L. M.; GONÇALVES, M. M.; FONSECA, N. R. S.; CARREIRO, D. L.; COUTINHO, L. T. M. **Saúde do trabalhador**: o trabalho configura-se como fator de risco para a baixa percepção do nível de qualidade de vida e entre estudantes de graduação em enfermagem? In: Coutinho, W. L. M., Carreiro, D. L., Coutinho, L. T. M. *Saúde do Trabalhador: o impacto da dupla jornada trabalho-estudo no bem estar físico, mental e social do estudante de graduação em enfermagem*. Montes Claros (MG): Editora Caminhos Iluminados, p. 59-68, 2016c.

COUTINHO, W. L. M.; OLIVEIRA, J. C.; SILVA, L. B.; COUTINHO, L. T. M.; REIS, G. C. et al. Relação entre trabalho e Transtorno de Ansiedade entre estudantes de graduação em fisioterapia. In: IV Encontro de Iniciação Científica IFNMG – Campus Pirapora, 2015, Pirapora (MG). **Anais IV Encontro de Iniciação Científica IFNMG – Campus Pirapora**. Pirapora (MG): IFNMG, 2015a. No prelo.

COUTINHO, W. L. M.; PEREIRA, V. A.; SOUTO, S. K. R.; CARREIRO, D. L.; COUTINHO, L. T. M. **Saúde do trabalhador**: o trabalho configura-se como fator de risco para o desenvolvimento de sonolência diurna excessiva entre estudantes de graduação em enfermagem? In: Coutinho, W. L. M., Carreiro, D. L., Coutinho, L. T. M. *Saúde do Trabalhador: o impacto da dupla jornada trabalho-estudo no bem estar físico, mental e social do estudante de graduação em enfermagem*. Montes Claros (MG): Editora Caminhos Iluminados, p. 31-40, 2016a.

COUTINHO, W. L. M.; SILVA, A. L. S.; PEREIRA, L. R. F.; CARREIRO, D. L.; COUTINHO, L. T. M. **Saúde do trabalhador**: o trabalho configura-se como fator de risco para o desenvolvimento da síndrome de burnout entre estudantes de enfermagem? In: Coutinho, W. L. M., Carreiro, D. L., Coutinho, L. T. M. *Saúde do Trabalhador: o impacto da dupla jornada trabalho-estudo no bem estar físico, mental e social do estudante de graduação em enfermagem*. Montes Claros (MG): Editora Caminhos Iluminados, p. 23-30, 2016b.

DEJOURS, C. A. **A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho**. São Paulo: Cortez – Oboré, 1992.

ESTANISLAU, G. M.; BRESSAN, R. A. **Saúde mental na escola**: o que os educadores devem saber. Porto Alegre: Artmed, 2014.

FERRETTI, C. J. A mulher e a escolha vocacional. **Cadernos de Pesquisa**, v. 54, p. 5-15, 1976.

GAMA, M. M. A.; MOURA, G. S.; ARAÚJO, R. F. TEIXEIRA-SILVA, F. Ansiedade-traço em estudantes universitários de Aracaju (SE). **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**, v. 30, n. 1, p. 19-24, 2008.

GILBERT, M. A. P.; CURY, V. E. Saúde mental e trabalho: um estudo fenomenológico com psicólogos organizacionais. **Boletim de Psicologia**, v. 59, p. 45-60, 2009.

GONÇALVES, A.; FREITAS, P.; SEQUEIRA, C. Comportamentos suicidários em estudantes do ensino superior: factores de risco e de protecção. **Millenium**, v. 40, p. 149-159, 2011.

OLIVEIRA, G. F.; PEREIRA, T. N.; CARREIRO, D. L.; COUTINHO, W. L. M.; COUTINHO, L. T. M. *Existe relação entre transtorno de ansiedade e trabalho entre estudantes de psicologia?* R. Laborativa, v. 6, n. 1 (especial), p. 27-42, abr./2017. <http://ojs.unesp.br/index.php/rlaborativa>

LEWIN, H. Educação e força de trabalho feminino no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, v. 32, p. 45-59, 1980.

MARCHI, K. C.; BÁRBARO, A. M.; MIASSO, A. I.; TIRAPELLI, C. R. Ansiedade e consumo de ansiolíticos entre estudantes de enfermagem de uma universidade pública. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 15, n. 3, p. 731-739, 2013.

MARQUES, M. K. E.; SOUZA, D. A. B.; SILVA, M. C. F.; ZAGO, A. B. S.; COSTA, A. L. O perfil do acadêmico de enfermagem da UNIVAP – São José dos Campos / SP que trabalha na área da saúde. **Revista da Universidade do Vale do Paraíba**, v. 13, n. 24, p. 839-842, 2006.

MINGHELLI, B.; KISELOVA, L.; PEREIRA, C. Associação entre os sintomas da disfunção temporomandibular com fatores psicológicos e alterações na coluna cervical em alunos da Escola Superior de Saúde Jean Piaget do Algarve. **Revista Portuguesa de Saúde Pública**, v. 29, n. 2, p. 140-147, 2011.

MORIN, E.; TONELLI, M. J.; PLIOPAS, A. L. V. O trabalho e seus sentidos. **Psicologia Social**, v. 19, p. 47-56, 2007.

MOTA, R. P. Ansiedade e medo na empresa: percepção de risco das decisões gerenciais. **Revista Portuguesa e Brasileira de Gestão**, v. 11, n. 2-3, p. 22-37, 2012.

MOURA, D. M. **Políticas públicas educacionais PROUNI e FIES**: democratização do acesso ao ensino superior. In: Seminário Internacional de Demandas Sociais e Políticas Públicas na Sociedade Contemporânea VIII Mostra de Trabalhos Jurídicos Científicos. Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). 2014.

OLIVEIRA, M. A.; DUARTE, A. M. M. Controle de respostas de ansiedade em universitários em situações de exposições orais. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. 6, n. 2, p. 183-200, 2004.

PEREIRA, S. M.; LOURENÇO, L. M. O estudo bibliométrico do transtorno de ansiedade social em universitários. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 64, n. 1, p. 47-63, 2012.

PORTO, G. M.; SOARES, T. K.; COUTINHO, L. T. M.; CARREIRO, D. L.; SANTOS, C. A. et al. Uso ocasional, abusivo ou dependência de substâncias psicoativas entre calouros do curso de graduação em fisioterapia. **Lecturas, Educación Física y Deportes**, v. 17, n. 170, 2012.

SAKAE, T. M.; PADÃO, D. L.; JORNADA, L. K. Sintomas depressivos em estudantes da área da saúde em uma Universidade no Sul de Santa Catarina – UNISUL. **Revista da Associação Médica do Rio Grande do Sul**, v. 54, n. 1, p. 38-43, 2010.

SAMPAIO, T. L. A.; RAMOS, J. M.; REIS, G. C.; CARREIRO, D. L.; COUTINHO, L. T. M. et al. **Relação entre síndrome de burnout e trabalho entre estudantes de graduação em fisioterapia**. Disponível em: <<http://www.jonafes.com.br/anais>>. Acesso em: 06 maio 2016.

SANTOS, M. D. L.; GALDEANO, L. E. Traço e estado de ansiedade de estudantes de enfermagem na realização de uma prova prática. **Revista Mineira de Enfermagem**, v.13, n. 1, p. 76-83, 2009.

OLIVEIRA, G. F.; PEREIRA, T. N.; CARREIRO, D. L.; COUTINHO, W. L. M.; COUTINHO, L. T. M. *Existe relação entre transtorno de ansiedade e trabalho entre estudantes de psicologia?* R. Laborativa, v. 6, n. 1 (especial), p. 27-42, abr./2017. <http://ojs.unesp.br/index.php/rlaborativa>

SANTOS, E. B.; QUINTANS JÚNIOR, L. J.; FRAGA, B. P.; MACIEIRA, J. C.; BONJARDIM, L. R. et al. Avaliação dos sintomas de Ansiedade e Depressão em fibromiálgicos. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 46, n. 3, p. 590-596, 2012.

SCHAUFELI, W. B.; TARIS, T. W. The conceptualization and measurement of Burnout: common ground and worlds apart. **Work Stress**, v. 19, n. 3, p. 256-62, 2005.

SOUZA, A. S.; CARREIRO, D. L.; COUTINHO, L. T. M.; BRITO, J. M. P.; COSTA, N. S. C. et al. Fatores associados à qualidade de vida no trabalho entre professores do ensino superior. **Arquivos de Ciências da Saúde**, v. 22, n. 4, p. 46-51, 2015.

TOMASCHEWSKI-BARLEM, J. G.; LUNARDI, V. L.; BORDIGNON, S. S.; BARLEM, E. L. D. LUNARDI FILHO, W. D. et al. Opção e evasão de um curso de graduação em enfermagem: percepção de estudantes evadidos. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 3, n. 2, p. 132-138, 2012.

TOMBOLATO, M. C. R. Qualidade de vida e sintomas psicopatológicos do estudante trabalhador. **Dissertação de mestrado**. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2005.

VIANA, G. M.; SILVA, T. G.; OLIVEIRA, C. T.; CASTRO, M. F. R. L.; CARREIRO, D. L. et al. Relação entre síndrome de burnout, ansiedade e qualidade de vida entre estudantes de ciências da saúde. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, v. 12, n. 1, p. 876-885, 2014.

Agradecimentos

O presente estudo teve sua origem no Grupo de Pesquisa SETEG (Saúde, Educação, Trabalho, Gestão), do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais (IFNMG), ao qual se expressa os devidos agradecimentos.

Artigo apresentado em: 03/06/2016

Aprovado em: 09/11/2016

Versão final apresentada em: 30/11/2016

OLIVEIRA, G. F.; PEREIRA, T. N.; CARREIRO, D. L.; COUTINHO, W. L. M.; COUTINHO, L. T. M. *Existe relação entre transtorno de ansiedade e trabalho entre estudantes de psicologia?* R. Laborativa, v. 6, n. 1 (especial), p. 27-42, abr./2017. <http://ojs.unesp.br/index.php/rlaborativa>